

AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSARIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

ANO VI — N.º 81

Rio de Janeiro, Julho e Agosto de 1952

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA POSTAL 4.538



A VIDA PELA LIBERDADE O LEMA DOS EVADIDOS DA ILHA DO TERROR PARAISO ENTRE ELES!

**Salário dos diretores do Banco do Brasil Cr\$ 30.000,00;
salário do marmiteiro nacional Cr\$ 1.200,00 — Pleiteiam
aqueles ricos Cr\$ 60.000,00 de ordenado**

Os trabalhadores, sangrados mensalmente nos seus salários, deviam ir colecionando os casos escabrosos do regime capitalista entre nós, para ir aprendendo, nesta escola experimental, como os roubam, primeiro; depois, como os filhinhos da mamãe sempre se arranjam para construir cada qual seu paraíso. E de ver como se ajudam, como escondem uns os passos dos outros, como racham amigavelmente (sem comprar) as mamatas gordas.

Vamos dar hoje três exemplos. Não são forçados por nós, anarquistas, suspeitos de tendenciosos. São todos denúncias deles próprios ou dos que os sustentam como partidários do regime.

O primeiro caso denuncia o sr. deputado José Bonifácio na quarta página do Diário de Notícias de 5 de junho passado. Intitula-se seu artigo O aumento. Chama a atenção para um convite saído num cantinho do Diário Oficial de 28 de maio. E do

Banco do Brasil. Convoca os acionistas a uma assembleia no dia 10 de junho, para reforma dos artigos 7 e 31 dos estatutos do Banco. Assinado, Ricardo Jafet, presidente.

Ora, que sabemos nós, os trabalhadores, professores, atores, funcionários dos Estatutos dos Bancos? Na vida de nada. Ficariam todos inteiramente alheios às intenções do sr. Jafet e companhas, não fosse o juramento de deputado José Bonifácio. Este, com efeito esclarece-nos sobre o caso. Trata-se, nem mais nem menos, do seguinte. O sr. Jafet acha que o presidente do Banco do Brasil e os diretores, em virtude daqueles dois nefastos artigos, reguladores dos seus honorários, da cheta que lhes cabe mensalmente, recebem muito pouco. Precisam de aumento, os pobrezinhos.

E quanto ganham esses proletários, esses miseros barnabés? Informa-nos o deputado José Bonifácio que, segundo o parecer último do Conselho Fiscal, os diretores do

Banco do Brasil, ganham exatamente 360 contos por ano. Significa isso 30 contos por mês.

Que pleiteiam eles? Segundo o mesmo Conselho, pretende o sr. Jafet, presidente milionário, perceber 720 contos anuais, isto é 60 contos mensais e os diretores 660 contos, ou sejam uns 55 e fração. O sr. Jafet ficará ganhando mais que o presidente da República. E os diretores, depois, vêm os democratas dizer que a república é o governo do povo!!! Haverá maior mentira? Foi consultado o povo neste caso?

O segundo exemplo dá-nos a célebre Cexim a carteira de exportação e importação do Banco do Brasil.

Sabe-se que, onde há margens amplas para negociações (e o regime capitalista depara aos velhos e numerosos rincões), fervilham os nitratos e esnocam as maroteiras. Que setor mais lucrativo que essa famosa carteira? Cercam-na, rodeiam-na, assaltam-na umas centenas de importadores a esmorecem uma concessãozinha.

Evidente é que próximas gordas não faltam dos ricos, dos multimilionários, para obterem régios favores. Era de prever e seriamos todos lorpas se pensássemos, um instantinho só, inovação dessas coisas no governo. Praticinho fácil, faz-l'ho tanto mais fácil, quanto nenhum custo fica. Mas, os não contemplados urram! Urram tanto, que a governança creu de bom alvitre fingir surrreca e rior. Ordenaram-se investidas; mas, a coisa mereceu da polícia o maior segredo.

(Continua na 4.ª pag.)

Segundo o noticiário dos jornais, esta é a legenda dos 350 prisioneiros evadidos da ilha-presídio de Anchieta.

Quase toda a imprensa observou os acontecimentos com o unilateralismo próprio das mentalidades estreitas. Entretanto, na Câmara Federal, um membro mais esclarecido foi capaz de aventar a hipótese de que somente muitos maltratos poderiam levar aqueles homens a se lançarem em tal aventura. Só por motivos muito fortes, arriscar-se-iam a enfrentar uma

zona infestada de tubarões, em embarcações pequenas e pouco resistentes, além das perseguições a que estariam expostos no continente.

Só se poderia conhecer os verdadeiros motivos que impeliram os fugitivos, entrando em contacto direto com eles, o que é inteiramente impossível.

Como anarquistas, procuramos analisar os fatos em todas as suas facetas. Assim, temos de admitir uma das duas hipóteses: ou um grande anseio de libertação, ou maltratos, conforme lembrou o deputado, arrasou-os.

Embora reconheçamos que foi um ato de desespero, os seus sucessos na ilha dão-nos mostra de quanto é capaz a maioria, quando reconhece a própria força e, ao mesmo tempo, que a minoria não tem nenhum direito de dispor de suas vidas.

A penetração no continente e posterior recusa de "no cercas e faminta, fala-nos bem alto do seu respeito à legenda adotada. E' perfeitamente admissível o encarnçamento com que mantêm a luta, porque defendem a própria liberdade. O que, entretanto, seria motivo para riso, não fossem as suas trágicas consequências, são as "providências" tomadas pelas autoridades. Destacamentos da polícia, do exército, patrulhas da aeronáutica e até um cruzador!!! para deter fugitivos de uma prisão! E' tristemente ridículo!! Faganhas tragi-comicas de quem quer, a todo custo, demonstrar que é o mais forte. Só isto se pode imaginar, porque para prestar socorro aos sobreviventes do "Presidente", caso existissem, não podiam enviar patrulhas aéreas. E só o fizeram, depois que amadores se ofereceram.

Porque não se lançaram esses "cumpridores do dever" com tanta pressa ao dever humanitário de prestar socorro a quem dele poderia estar necessitando?

Mas, não! Lançar-se à caça de homens e muito mais divertido! Recap-

(Continua na 4.ª pag.)



Nossa companheira Federica Montseny no momento em que saudava Pablo Casals, famoso violoncelista e antifascista espanhol

Por PELORIANO MAIA

ONDE ESTÃO OS JESUITAS?

O avião caiu em meio da virgem mata da despovoadá região-norte do Rio Araguaia onde nunca haviam sido deixadas antes as impressões digitais da Civilização. Um verdadeiro pedaço do Brasil de 1500.

Com a queda do avião, o Destino tecia um labirinto de incertezas sobre os seus 50 passageiros. Autoridades aviatórias puseram-se à procura do sinistrado aparelho, localizando-o na já referida região. A mesma foi tida pelos entendidos e técnicos como inalcançável: americanos da Pan-American, Companhia a que pertencia o avião, mostraram-se receosos de enfrentarem o desconhecido e as surpresas da floresta, afirmando apriori, não existir sobreviventes (isto é, seres com vida), razão porque o resto não merecia sacrifícios. (Provavelmente esses homens devem achar também que a Rússia é invencível, inexpugnável para não se aventurarem a uma guerra contra ela, sózinhos...)

Aqueles que sentiam a dor humana por aqueles que lá tombaram e respeito ao sentimento de seus parentes, protestaram contra o descaço que envolvia as vítimas do sinistro. Criaram então uma expedição conjunta para, por terra, alcançarem o local. Sim, porque a eles só interessava o conhecimento do fato e dar uma satisfação protocolar do ocorrido. Nada de chegar ao local encontrando corpos ainda não putrefatos, (seria prova insofrisável de que havia sobreviventes... que teriam morrido por culpa do desprezo criminoso) corpos que, assim, ainda poderiam ser transportados

para o Rio ou Belém e daí rumarem para suas devidas pátrias, os do Uruguai, Argentina e Norte-America. (Seria muita despesa para a Pan-American e a Companhia de Seguro não inclui na identificação do aparelho as despesas gastas com socorros). Daí não se aventurarem à denodada ação de alcançar o local, o quanto antes, por meios modernos, que a época ofereceu, e sim por terra quando alcançariam o local após uns 60 dias.

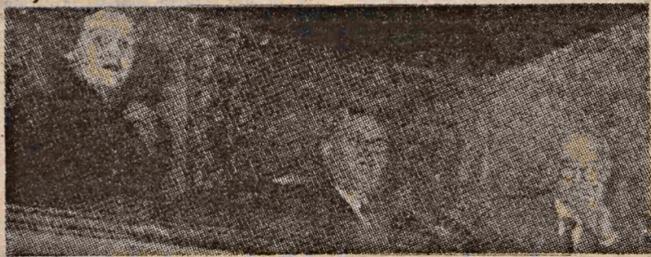
O respeito à dor alheia, o sentimento de humanidade, a tal crença cristã que regu a Civilização construída pelos regimens estatais que sobre ela se alçaram, cederam lugar ao comodismo da auto-proteção hipócrita.

Antes esse verdadeiro escarnio ao ser humano, um homem levou a peito fazer chegar àquele local uma Expedição da Solidariedade. Movido ou por verdadeiros sentimentos, ou por demagogia política, ou por tradição à história de seu Estado donde partiram as Bandeiras, ou ainda, por ser Diretor proprietário de uma Companhia de Aviação, efetuou esse homem uma ação digna e louvável, ação essa que não teve a benevolência dos homens da Igreja por abediência da própria crença, ou sentimento de solidariedade. Dentro das idéas que pregam, teriam acompanhado a Expedição para conforto espiritual dos parentes das vítimas e dos expedicionários bandeirantes para ali efetuarem os devidos ritos de fé, da crença que mercadejam. Mas, não se apresentaram os missionários do credo romano — os JESUITAS —, aqueles que invadiram o Brasil na

sua colonização porque seria aqui fundada uma nova "INDIA" rica e próspera, aqueles que acompanharam os expedicionários da FEB como seus capelões, porque receberam patentes e soldos. A Caravana da Solidariedade estava aceitando voluntários e, como tal, não interfere nos "pedosos jesuitas" e a nenhum outro "cristianíssimo apóstolo" da seita romana. Ao Sr. Ademar de Barros faltou a idéia de comprar por 30 dinheiros os mandamentos de fé e crença da igreja para que um só daqueles acompanhasse a expedição. Aliás não há outro nome melhor de ser traduzido o que são esses tapeadores da beatitude do povo: que este de JESUITAS-JESUITISMO. Abram seus dicionários e vejam o seu significado: "SISTEMA, CARÁTER MORAL DOS JESUITAS; (FIG) FALTA DA FRANQUEZA FANATISMO, HIPOCRISIA." JESUITICO — RELATIVO AOS JESUITAS OU PROPRIO DELES. (fig) FANATICO, FINGIDO, ASTUCIOSO, HIPOCRITA."

Quanto à Expedição Conjunta da PAN-AMERICAN e FORÇA AEREA BRASILEIRA foi de tal descaço com as vitimas que nem ferramentas levaram seus elementos para abertura de sepulturas, abrigo protetor dos mortos, ferramentas que lá teriam ficado para que, quando o progresso atingisse o local fossem recolhidos aos museus — como sibolitos representativos do feito.

"AO ANARQUISMO NOS LEVA MAIS DEPRESSA, ESCLARECIDA, A CONCIENCIA DO POVO POR EXEMPLOS TAO ABENOÇADOS."



PABLO CASALS COMPARECE A UMA REUNIÃO ACRATA — No clichê, vemos o famoso violoncelista espanhol em companhia de Alberto Carsi e da viúva de um companheiro morto por Franco

Situação na Espanha

Desde que saiu o primeiro número da AÇÃO DIRETA temos enviado todos os esforços para mostrar ao operariado brasileiro a trágica realidade da Espanha franquista, onde um punhado de aventureiros, apoiados incondicionalmente pelo clero católico, vem mantendo o heróico povo espanhol num verdadeiro campo de concentração, onde a fome e a ausência total de liberdade só encontram similares nos campos de extermínio da Rússia Soviética.

Tudo o que temos dito e mostrado poderá parecer tendencioso, pois sai de nós, anarquistas, inimigos tradicionais de toda espécie de totalitarismo. Portanto, vamos transcrever alguns trechos de uma reportagem feita diretamente de Barcelona pelo jornalista Claudio Abramo e publicada por O ESTADO DE S. PAULO em 5-1-52, sob o título: Espanha 1951 — Trabalho e Fome:

A diferença existente entre um desempregado (200 000 em toda a Espanha) e um empregado é, em geral, quase imperceptível.

... O dinheiro que se despende neste país para manter em pé de guerra esse exército permanente de ocupação (em todo o país 2 milhões de policiais) dá, sozinho, pelo menos, um problema nacional.

... A imprensa governamental noticiou os sucessos de março como obra dos comunistas. A isso, este povo que não se responde com sorrisos: na Catalunha os comunistas realmente nunca tiveram importância. Barcelona operária é teóricamente anarquista. Pelas paredes dos bairros operários, mesmo em Barceloneta, mais nova, vemos escrito em grandes letras: Visca la FAI, Visca, viva, em Catalão.

... O movimento de março, que era apenas o primeiro de vários movimentos de protesto, esparsos por toda a Espanha, foi o resultado da exasperação e do ódio que existe em cada indivíduo obrigado a suportar um regime que, apesar do poder despótico de que dispõe, não sabe nem pode resolver os problemas internos.

BÁRBAROS!

Segundo reportagem fotográfica publicada pela revista "O Cruzeiro", os fugitivos da Ilha Anchieta, que se entregaram às autoridades policiais, foram barbaramente surrados. Daqui enviamos nosso protesto contra essa medieval covardia.

Bolitas de Carne Humana

Por MORALES GUZMAN

Especial para AÇÃO DIRETA

Ronca o adormecido, grunhe o animal e o usuário fareja a vítima. A humanidade oculta suas fealdades, ensaliva a história e de suas babas fluem rios de sangue. Sem nervos e masturbações as multicões, sopram elas ares de conformidade e submissão ao crime de sua própria covardia. O obreiro, o animal de face humana obedece às Franias, atulha com sua presença os templos e penae para a degeneração em perenes desejos. Masculiniza-se a fêmea e o macho se desvoga. O progresso avança para a materialidade da força e moral do sombrio. A dignidade coletiva não defende seus direitos e sua liberdade. O proletariado o popular nacional é internacionalizado, beija os pés de outra forma de Estado, igual ou pior, p.or s.m, do sistema capitalista. As bolinhas de carne humana giram em redor da falsa divindade do homem salvador. Com um número se pode calcular a mentalidade de um povo ou país, sujeito a um uniforme da força. Organizaram-se os escravos e criaram suas juntas de escravos, fazendo-os mais escravos. Os executivos dos organismos sociais de obreiros, da cidade e do campo, ultrapassam as ditaduras obreiras e burguesas. O sangue chama, quando necessário, o sangue. As carnes chamam também as carnes; os brutos ao bruto; o animal, ao animal; a obediência, à obediência e a covardia, à covardia.

Só uma idéia germina na mente do Homem. Só um átomo floresce na alma e no coração. Só brilha nos braços uma realização humana. Só o compreende o Homem que de ninguém depende, que não depende de acordos coletivos e só ele, só ele, atua com seus atos; só ele fta os olhos no tirano, no explorador e na autoridade. Só ele, só ele, o Homem individualista de atos generosos, justiciero de verdade e igualdade da justiça humana; afastase do carnal e compenetra-se; atrai-se de alma na defesa da dignidade humana. Ele, só ele, pode chegar à meta da libertação do próximo, à total supressão da obediência às ordens de um homem-deus. Ele, só ele, o cérebro é o braço que dispensa acordos. Só ele pode el minar os dirigentes da futura guerra com seus milhões de assassinos militantes. Ele, só ele, em cada país, pode e deve realizar sua ação individual, ação à margem de toda organização coletiva. Ele, só ele, conta com o auxílio moral da história e da razão humana, dos mil galões do bem. Ele, só ele, o homem que estuda e raciocina, compreende e se basta a si mesmo, deve, em cada país e lugar onde residem os verdugos do ideal-maturza, praticar seus rasgos sem mirar a vida. Ele, só ele, o homem que não encarece o valor de suas miserias horas, deve, e é necessário, ele, só ele, o revolucionário de acionamento não determinado por outrem, ele, só ele, pode alcançar vingança de todas as vítimas do passado, do presente e do futuro. ELE, SO' ELE!

Pensamentos de Godwin

É profundamente almejavél que cada ser humano alcance a maioridade, isto é, a capacidade de governar-se a si mesmo sem coações ou restrições impostas de fora. A instituição política, que confia a escravos e crianças os cuidados da criação de outros escravos, é sempre um péssimo paliativo; o principal objetivo da educação é acabar com ela a fim de assegurar a paz e a tranqüilidade de sociedade humana.

A sociedade tem uma existência meramente idral e não merece por si mesma nenhuma consideração. Aquilo que se entende por bem estar comum, glória e prosperidade geral não passa de quimera ininteligível. Não devemos atribuir valor a nenhum fenômeno social enquanto não possamos nele descobrir a propriedade de concorrer para que os homens se tornem felizes, nobres e justos individualmente. Traduziu: DANIEL DE BRITO

O professor Upadhyaya, Indiano de Aliahbad, publicou, em *Monde*, uma entrevista de Einstein, tratando, em parte, das relações da ciência da guerra e da paz e em parte, da idéia de "Deus". A primeira parte não nos interessa. Nesta questão, Einstein é tão banal, como o primitivo pacifista. A segunda, ao contrário, é de interesse capital principalmente por ser do grande cientista. Aqui vai reproduzida textualmente. *Upadhyaya*. — Muitas pessoas no Oriente, pensam que Einstein é um crente; isso faz muito mal à razão e ao racionalismo. Diga-me por favor se acredita na idéia de Deus? *Einstein*. — Acreditar em quê? Não posso responder. *Upadhyaya*. — A idéia de Deus, um deus pessoal ou impessoal, pode ser admitida pela ciência? *Einstein*. — Que é Deus? Esta pergunta não tem sentido. *Upadhyaya*. — Frequentemente o homem tira sua força da sua fé. Neste caso sua ingenuidade não é a causa da sua fé? *Einstein*. — ?... *Upadhyaya* lembra aqui uma anedota: No decorrer de uma discussão a respeito dos fundamentos da democracia, na qual tomara parte Einstein, este teria dito: Se vós pudésseis renunciar à vossa idéia de Deus, só isto se ia um grande progresso. Nessa entrevista, que não foi desmentida. Einstein aparece como alguma coisa mais de que agnóstico; ateu desdenhoso como convém a um verdadeiro intelectual. Suas palavras seriam ainda mais claras e categóricas se ele não residisse num país, onde não é adm'tido quem se declara ateu. Que liberalismo! O que os crentes chamam "Deus" (pessal como papai Noel ou impessoal pouco importa) é simplesmente o determinismo. Não é preciso meditar muito para disto nos convenceremos. "Deus" é uma deia superposta à realidade do determinismo. E' precisamente por que o seu "Deus" é uma i usão (quando são sinceros; uma mentira quando não o são) colocada sobre o determinismo, que eles têm necessidade dos milagres. Só com os milagres, que não se realizam, eles fazem de "Deus" uma coisa diferente do determinismo. Se quisermos rir um pouco, imaginemos alguns pobres de espírito, a dirigi: preces ao determinismo, solicitar graças à causalidade. Enquanto isso, em todas as religiões, papas teólogos, padres e outros felicitosos, como as suas comanditas, limpam os bolsos dos bobos. A teologia se misturou com a ciência. Temos agora "sábios" que acreditam, que saem do domínio da ciência, fingindo que ainda aí estão, quando já saltaram para o domínio da metafísica. Não podemos ter confiança em tais "sábios". Chamas "Deus" um conjunto de forças físico-químicas. Não temes o ridículo? Tal coisa acontecerá "se Deus quiser": na realidade se o encadeamento de causas e efeitos, levar a esse resultado.

"DEUS" E SEUS USOS

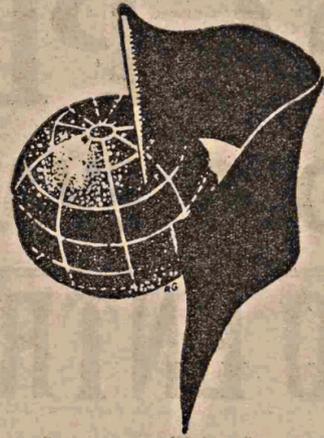
Por MANUEL DEVALDES

Tradução de Amílcar — L'Unique n.º 59

Aqui está: "Deus" nada mais é que uma palavra. O determinismo é a negação de "Deus". Quando o crente diz: "Deus queira" ou "graças a Deus que" ou usa outra expressão semelhante, prevê a possibilidade de um acontecimento que, na realidade, resulta do determinismo. Mostra assim que "Deus" é uma simples palavra sem significado real, encobrendo os processos naturais. Desde o instante, em que compreendemos que "Deus" é um erro, uma ilusão, ou uma mentira, enxertados no determinismo, compreenderemos também que certos pedidos a "Deus" e acs santos sejam satisfeitos e outros não. Os primeiros, são os que coincidem com o encadeamento dos fatos; os segundos, pedem coisas que estão fora desse encadeamento. O crente pede a "Deus" que um parente ou um amigo não morra; o pedido será atendido se o futuro tiver saúde e resistência para não morrer. Em caso contrário, morrerá, podemos estar certos. Do princípio ao fim da vida, é sempre assim. Quase temos vergonha de explicar coisas tão elementares e evidentes e que entretanto poucos vêem porque quase toda a humanidade está com a mentalidade apodrecida pelas religiões. Não nego o mistério; ele existe. Mas

combato impiedosamente o "escroco" religioso que o explora em prejuizo dos humanos. Napoleão dizia que: "uma sociedade sem religião era um navio sem bússola". Todos os tiranos, notadamente Luís XIV e Robespierre, foram da mesma opinião. Quanto a mim, penso que navio sem bússola é a sociedade que despreza a ciência e a razão para favorecer as religiões. Não é bom para o navio social, que seu piloto, prefira a escuridão à claridade so ar. Em todas as religiões, a estupidez se casa com o interesse. E' possível, que algumas pessoas tenham necessidade de adorar um ser irreal que julgar superior a elas. E' uma necessidade "espiritual". Eu tenho necessidades intelectuais. Preciso compreender. Que se faça, nas mentalidades, a substituição do acreditar e adorar, por compreender e teremos feito uma revolução intelectual. E' preciso notar que estas "necessidades espirituais", têm como resultado, com mais ou menos subterfúgios, a divinização dos fatos (as forças dos mais fortes são fatos) coincidindo com os interesses materiais dos mais fortes. D diviniza-se a força do governante contra o governado, do capitalista contra o pobre, do astucioso contra o simples.

Por MANUEL PERES



Os que viveram intensamente as jornadas gloriosas de julho de 1936, quando teve início a *Revolução Espanhola*, resposta digna e altiva à covarde agressão Franco-falangista, puderam compreender a grandiosidade daquela epopeia maravilhosa, na qual o povo ibérico e crevia, com seu sangue generoso, uma das pávinas mais brilhantes na história da liberdade. Dois anos e oito meses durou essa luta titânica e durante esse tempo dispõndo apenas de meia Espanha, já que, das 50 províncias que a integram, 28 estavam sob controle fascista, o proletariado espanhol, amontoando num mar de sangue os cadáveres dos seus mártires, defendeu com bravura sem igual, os princípios fundamentais da sua existência: a liberdade, a paz e a fraternidade.

Não eram apenas Franco e os sicários da fa ange, pois estes, sem a intervenção estrangeira, teriam sido vencidos em 48 horas; a luta era contra os mercenários de Marrocos, os exércitos mecanizados de Hitler e de Mussolini, os chamados *Viratos* de Oliveira Salazar e o que é pior a covardia suicida das Democracias... do mundo.

A luta era desigual já que era necessário enfrentar o inimigo a peito de coberto, pois ele dispunha de armamento moderno e de uma aviação poderosa, e enquanto isso, a França, governada pelo tristemente célebre Leon Blum, negava ao povo espanhol o armamento que este havia adquirido de acordo com os chamados *direitos internacionais* e pelo qual depositara em Paris a importância de 40 milhões de francos... Era a cumplicidade covarde com o fascismo internacional.

Não coreterei injustiça ao afirmar que o episódio heroico do proletariado da Espanha superou todos os revoluionários que a história registra desde a sublevação de Spartacus, antes da chamada Era Cristã, até a Revolução russa de 1917.

Justo é reconhecer o muito que deve a humanidade aos heróis da Revolução Francesa de 1793, iniciada com a tomada da Bastilha no dia 14 de julho de 1789 pois ela, não só aboliu o feudalismo, verdadeiro oprobrio para a civilização como igualmente proclamou os *direitos do homem e do cidadão*, direitos esses que, ainda hoje, há mais de século e meio da sua promulgação, são burbados na maioria das nações do mundo.

Grandiosas foram igualmente as lutas do povo de Paris na jornada de 24 de fevereiro de 1848, quando com o seu heroísmo derrocava o segundo império para proclamar a segunda república e, completando essa páginas brilhantes nas lutas pela liberdade, surgiu naquele março histórico de 1871, a maior revolução do século passado a — *Commune de Paris* — simbolizada pe as figuras lendárias de Elisée Reclus, Luis Michel e pelos 30.000 mártires fuzilados nos muros do cemitério de *Père Lachaise*.

Não quero falar da Revolução Russa, porque ela, que chegou a ser uma esperança para o proletariado interna-

cional, se perdeu num turbilhão de violências e amonções para transformar-se no que é hoje um Estado Totalitário tão cruel e despótico, como o foram a Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini.

ESPAÑA 1936

Se os homens do século 19 foram os semeadores de idéias e o seu sangue, derramado nas aras da liberdade, foi o adubo que fertilizou as terras para torná-las fecundas, o proletariado espanhol foi, em 1936 o artífice da colheita, transformando em realidade o sonho de tantos heróis durante muitos séculos, que era a conquista da felicidade humana.

Recuaram assombrados, os que sempre afirmaram que a instauração, no mundo, do verdadeiro socialismo era mais que sonho, verdadeira utopia e, justamente por isso, porque o proletariado espanhol demonstrou sua capacidade construtiva, pôdo em marcha a transformação social o chamado mundo democrático o abandonou a sua própria sorte, pois preferia o triunfo do fascismo, mais em harmonia com os interesses capitalistas, iguais em todos os sistemas que tenham, como base fundamental, a existência do Estado.

DE JULHO DE 1936 A MARÇO DE 1939

Contra todos os inimigos do interior e do exterior e contra a impassibilidade suicida dos trabalhadores do mundo, que não queriam compreender que, na Espanha, estava em jogo a sua própria liberdade, os bravos irmãos da Iberia continuaram lutando com heroísmo sem igual. E quando, em 24 de janeiro de 1939,

JULHO NAS PÁGINAS DA HISTÓRIA

FRANÇA 1789 — ESPANHA 1936

A REVOLUÇÃO ESPANHOLA

a Catalunha era ocupada pelas hordas franquistas marchando mais de 500.000 exilados para a fronteira dos Pirineus, buscando na França, que tão cruelmente os abandonara, um refúgio generoso, de acordo com a sua tradicional hospitalidade, a pátria dos *dirreitos do homem* não os recebia como refugiados políticos, e sim como autênticos indesejáveis, tão cruel foi o tratamento que lhes dispensaram.

Mesmo ocupada a Catalunha, o que representava um golpe de morte para o triunfo da revolução na zona Centro-Sul — Madrid, Valência, Sagunto, Alicante, Múrcia e Jaen, um punhado de bravos ainda resistia, mesmo isolados completamente do mundo, sem uma fronteira amiga que os recebesse, já que estavam cercados por todos os lados.

Essa heróica resistência foi prolongada por dois meses ainda, até o dia 28 de março de 1939, quando, já reconhecida pela França e Inglaterra como governo legítimo, a famigerada junta franquista como insulto à dignidade humana, e as hordas do Caudilho entravam na capital da Espanha.

E aqueles bravos cairam sob o peso da covardia internacional, mas não foram vencidos pois lutam ainda hoje nas montanhas da Galícia de Asturias, Andaluza, Castela e Aragón, nos históricos picos pirenaicos, auxiliados pelos irmãos que vivem e sofrem em terras do exílio.

E todos, sem perderem o ânimo com as miradas fixas nas jornadas memoráveis de julho de 1936, aguardam impacientes o momento supremo da destorpa, para derrocar o regime franquista e reiniciar a marcha vitoriosa da Transformação Social iniciada com a conquista heróica do quartel de Atarazanas em Barcelona.

Que os trabalhadores do mundo não se abandonem nesta hora histórica, não esquecendo que, se a última guerra teve seu início na Espanha, também nas terras de Iberia pode surgir a chispa redentora que abra para a humanidade uma era de paz e liberdade.

GRUPO DE AÇÃO LIBERTÁRIA

Continuamos recebendo contribuições e sugestões para a edição de um folheto com os princípios fundamentais do anarquismo e destinado a distribuição gratuita entre os operários. Do próximo número em diante iremos dando conta das contribuições já recebidas. Toda correspondência para:

MANUEL PERES

Caixa Postal 4588 — G. A. L.

D. Federal

do macho contra a fêmea, enfim de todos os mais fortes contra os mais fracos. As religiões são os sólidos sustentáculos dos privilégios. Por isso há tanto empenho em conservar as que existem, renovar algumas, fazer nascer outras, e auxiliar-hes a propagação. Isso é feito por intelectuais prostituídos pela instrução e pela educação nas mais variadas formas. Chamam a isso "manter a civilização". C'vilização do obscurantismo e da mordaga que floresce no privilégio e na miséria na alegria de uns e no sofrimento de outros.

Fazer passar a morte eterna por uma vida eterna, como num "truco" de mágica é marvilhoso.

Mas que grande soma de cretinismo e canalhice exige tal "escroqueria", não se pode imaginar.

O tipo odioso em matéria de religião, é mais o incrível simulador, do que o crente sincero e tolo.

"Absurdo de um mundo sem Deus", diz o teólogo Gustave Thibon monge de não sei qual ordem.

Mas, reverendo, que d'zer do absurdo de um mundo com "Deus"! E d'zer, padre Thibon, que nos falais de um mundo de crueldades, um mundo com "Deus", o vesso mundo! Sabemos muito bem como proclama certo fim, que "Deus" precisa dos homens". Sem os homens, que seria de "Deus"? Não seria nem mesmo a simples palavra que é!

Inverte os termos e terá a verdade: "Deus" é uma criatura e o homem seu criador. O mito por excelência é "Deus" A palavra "Deus" repetida, repisada pelos humanos, dá impressão exata da podridão da humanidade religiosa e mística.

As Ditaduras Negação da Liberdade

A ditadura exercida por um homem ou um Estado, chama-se branca ou negra, é a tortura moral e física ao máximo, até agora conhecido, de quantos regimes totalitários mais fatídicos e odiosos têm oprimido e oprimem a humanidade.

Até hoje não sei de qual regime ditatorial que haja podido governar de acordo com as normas mais peremptórias da liberdade, da equidade, da justiça e da legalidade mesmo sob o prisma do chamado governo capitalista.

Desde mais de dois séculos, não tem cessado a casta ditatorial de exercitar-se quer na monarquia, quer na república, quer nos países onde se acham estabelecidos os direitos do homem. Nada mais fez essa casta, segundo a tradição, que substituir a antiga toga e espada.

Hoje, em pleno século XX, era da civilização humana, está o mundo povoado de ditaduras. É o mal do século, que se apoderou de muitos homens e de alguns partidos políticos desenfreados, cheios de ambição, mando e domínio. Não contentes com haverem dado o golpe de Estado, sonham agora com ser donos do mundo e, para satisfazerem tal ambição, recorrem a todos os meios, dos quais um é a guerra, o mais odioso.

As ditaduras estabelecidas na Espanha, Portugal, Argentina, Colômbia, Peru, Paraguai, São Domingos, Bolívia, Venezuela, Rússia, a bacia Balcânica, Tcheco-Slováquia, Alemanha Oriental, Hungria, Polónia, România, China Mongólia, Coreia do Norte e outros, são a maior prova do exposto.

Para não ir muito longe, é a Rússia a primeira que nos ensina. A ditadura do proletariado tende a substituir-se à da burguesia, aspira a tomar o lugar dos seus amos. A revolução russa de outubro de 1917, mera revolução política e não social, mais revolta externa que revolução interior, deve ser derrubada como as demais ditaduras, a que eterniza os mesmos males e até os agrava. Cria meros oprimidos e aumenta a extensão da escravidão; emprega os mesmos métodos e violência dando-lhe novas tonalidades de crueldade; tem sua polícia, seu exercito, sua burocracia, seus confidentes e seus agentes provocadores e de espionagem. Não inspira nenhum nobre ideal humano; chega por seus exageros, a comprometer sua própria causa e existência.

Por esse motivo, a ditadura do proletariado não é nem pode ser distinta das demais ditaduras. Seu próprio nome já é sua condenação. Evidentemente, para manter-se, teve de reunir técnicos, inclusive militares, que são os amos e em melhores condições, dos proletários, dos obreiros manuais, fazendo-os trabalhar constantemente com o intuito de sustentar a burocracia e privilégios. Quer impingir ao mundo que se trata da emancipação dos trabalhadores e com isso o principal intento foi desvirtuar as ideias livres dos que fizeram a revolução. Por isso embora se chame ditadura do proletariado, os ditadores são burgueses de toga e espada, como burgueses se chamam todos os representantes da classe proletária nos parlamentos. Após centenas de anos de lutas intestinas, sustentadas pelos trabalhadores para converter em realidade um ideal livre, re-

Por CRISTOBAL GARCIA
(especial para AÇÃO DIRETA)



letários, dos obreiros manuais, fazendo-os trabalhar constantemente com o intuito de sustentar a burocracia e privilégios. Quer impingir ao mundo que se trata da emancipação dos trabalhadores e com isso o principal intento foi desvirtuar as ideias livres dos que fizeram a revolução. Por isso embora se chame ditadura do proletariado, os ditadores são burgueses de toga e espada, como burgueses se chamam todos os representantes da classe proletária nos parlamentos. Após centenas de anos de lutas intestinas, sustentadas pelos trabalhadores para converter em realidade um ideal livre, re-

sultou tudo, agora, em mistificação desse ideal.

Uma vez mais, deu-se o fenómeno de a ter-se o valor das palavras dado-se a entender que se mudava o sistema; mas, na realidade, tudo permaneceu em benefício da burguesia. Hoje, têm a desfaçatez de chamar-se comunistas, homens, partidos e governos que, de comunistas nem a ponta de um alfinete têm, do mesmo modo que os papas, cardeais e bispos usam dizer-se cristãos sendo a negação do cristianismo.

Os anarquistas ou libertários, estamos sempre com o proletariado, com os que trabalham, sofrem e nada possuem. Proletários nos sentimos com eles quando pensamos e sonhamos numa livre humanidade, isenta de preconceitos, sem fronteiras económicas, imposta de um regime de desigualdades, sem pressões morais, escravizadoras a dogmas, leis e decretos mantidos pela violência, humanidade em que os homens sejam capazes de viver em comunidades livres, sem poderes autoritários nem classes privilegiadas e governantes, renunciando os métodos dessa fração social assassina da outra pra interesses mesquinhos.

Os anarquistas, consideramos o proletariado irmão nosso quando se insurge, se educa e se aperfeiçoa, e so-

mos seus amigos quando não imita seus amos escravos das mesmas paixões e dos mesmos apetites.

A essas ditaduras e a todas as ditaduras que forem são e serão negadoras da liberdade de todos os trabalhadores do mundo, opomos nós o exercício da liberdade, não inspirado no ódio ou na violência, supressor de compromissos, abolidor de todas as rotinas, banidor de todos os preconceitos. A liberdade não impõe dogma, nem obriga ninguém a praticar tal ou qual religião ou professar determinada ideia ou crença.

A luta dos trabalhadores dentro e fora da Espanha, há de ser uma luta contra o comunismo de Estado e contra o capitalismo sem exercer outros sonhos salvo as sugeridas pelas organizações obreiras e libertárias, concordes com as nossas finalidades e objetivos de conquista: o Comunismo Libertário.

Era do comunismo libertário não há salvação possível. Só ele pode pôr termo aos grandes males que hoje correm a humanidade. Com ele, o belo, o bom e o verdadeiro, indissolvelmente unidos, transformarão a terra, para que esta, enfim, possa ser habitada, alheia a Estados, ditaduras ou regimes, chamem-se brancos ou negros, negações absolutas da Liberdade.

POSIÇÃO ANARQUISTA: "Contra Truman sem estar com Stalin; contra Stalin sem estar com Truman"

Razão Porque sou Anarquista

Por VARLIN (De Portugal)

Muito novo principi a ouvir falar em questões de política, golpes de Estado, remodelações de governo, revoluções por escolha de partes, troca de tiros no período de eleições, compra de votos etc. Movido pela curiosidade de criança — que ainda era nesse tempo — principi a perguntar o que significavam todas essas questões que tanto preocupavam os homens. A essa pergunta respondeu-me um operário que veio a ser meu mestre de ideal. "És novo demais para compreender a luta que se está travando entre o governo e os políticos. Enquanto o trabalhador se debate com fome e sem trabalho, o governo preocupa-se com troca de pastas, leis, opressão e tirania. Prisões em massa. Deportações sem conta. Condenações à morte lenta. Ódio como arma de combate. Guerras intermináveis pela conquista do poder". Mas esse governo não é republicano? "É que importa!" E de repente para ler um número da "Rencvação" suplemento da "Batalha" e com firmeza indicou-me um artigo referente à revolução francesa de 1898. Depois de ler o célebre artigo que se intitulava "Como a República Francesa de 48 pagou aos trabalhadores que lutaram pela sua implantação" fiquei totalmente esclarecido do que eram promessas de governos e sua direção nos interesses do povo de que faço parte.

impetos do desespero? Organizei as oficinas mas não pensei em ditaduras". Os republicanos não quiseram ouvir e, a 22 de junho, depois de encerradas as oficinas, mandaram prender Pujol, o líder operário que aconselhava o povo a sublevar-se.

Dias depois, o bárbaro ministro da guerra Cavallagnac mandou fuzilar todos os trabalhadores que se manifestassem e, de tal ordem foi a fuzilaria, que o mundo ficou horrorizado. Os poucos que escaparam à morte foram deportados para a África. Uma vez vendida a revolução, os republicanos disseram estas palavras: "A civilização esteve a pique de baquear às mãos desses bárbaros".

Fei de então para cá que compreendi quanto os governos, qualquer que seja o seu rótulo, são prejudiciais à humanidade. São eles que criam as dificuldades de produção e consumo para assegurar lucros fabulosos. São eles que criam a desmoralização e falta de instrução. Atrasam os aperfeiçoamentos técnicos e criam as guerras em que se esmagam milhares de seres humanos. E, suma, provocam o embrutecimento universal, com a arma sempre usada por políticos — a confusão.

Fei daí em diante que rebusquei todos os velhos jornais e revistas que pude encontrar e, numa delas, li um artigo sobre o honestíssimo contabilista da comuna — Jourdan, que junto de Eugénio Varlin, Bédioray, Martier, Proudhme, Josselin, Arnaud, Assi Rousseau, Audignaux, Gaubier lutavam para defender a comuna ameaçada pelas forças armadas. Todo seu capital que era de 8.826,860 francos estava depositado no banco de França. Esse grupo de valentes arrancaram pela força os milhões de que a polícia pretendia apoderar-se. Jourdan, o financeiro da comuna, vagueava pelas ruas de Paris, com a barba grande e mal vestido; o jovem sacrificado, ao lhe ser oferecida certa importância de dinheiro, disse: "O meu ideal não se vende como o de qualquer político". O exemplo desse lutador pelas ideias sociais fez-me recordar o tempo da escola quando, certo dia, o professor dis-

se: "Tudo que vos ensina a velha igreja irmã gêmea do Estado é falso! Não vos convenceis de que nascesteis para sofrer os horrores da miséria enquanto o capitalista estrega o produto do vosso suor. Ceu cu inferno são palavras por ees inventadas para vos amedrontar". Foi este o meu primeiro despertar e daí, passei ao estudo das obras sociais de Pedro Kropotkin, Miguel Bakúnin, Enrique Malatesta, Eiseu Réclus, Sebastião Faure e tantos outros verdadeiras inteligências e vítimas dos maiores atropelos quer dos governos das chamadas repúblicas, quer dos reacionários disfarçados com vários rótulos. A minha admiração à figura de Kropotkin e às suas obras, entre elas "Paavras de um revoltado" e Malatesta, à sua luta contra a tirania capitalista suas obras, entre elas "No café", tornou-me revoltado. Miguel Bakúnin, com sua gesta revolucionária, fugitivo da Sibéria, jamais igualado, empolgou-me. Flocon, político da república Francesa, declarou: Houvesse, em França, 300 homens como Bakúnin, seria impossível governar". Réclus também me deu o seu ponto importante, a recusa de um milhão de dólares oferecido pelo ministro Yankee do governo de Lincoln. Réclus reusou com estas palavras: "Eu trabalho pela justiça; não faço mais que o meu dever". Quem poderá afastar-se dele depois de conhecer sua vida e suas obras? Só aqueles que têm como objetivo as ditaduras. Foi então que procurei relacionar-me com vários companheiros e, quando da prisão de meu pai, uma companheira disse-me: estuda que serás o anarquista de amanhã. Surpreendido, perguntei a mim mesmo: Serrei anarquista? Daí em diante principi a não ter afirmações de anarquistas porque a ditadura de ferro que impera no país onde nasci não permitia tais afirmações. Entretanto usando a chamada política de "padre", alguma coisa se fez provando bem que nem a forte polícia de Salazar, deportando centenas de trabalhadores dos quais lá ficou a maior parte, nem o seu poderoso exercito com ordem para matar conseguiu exterminar uma ideia.

NOSSO MOMENTO

Por ZABALA

A situação mundial da Espécie Humana está em constante agitação, dado o contraste entre os produtores submeidos e os intrusos, impostos pela razão da força. Não obstante todos os sofismas formulados pelo Capitalismo e seus manipulados, o clero e o militarismo, no intuito de usufruirmos os direitos do Homem, direitos calcados em todos os setores da vida, avança o critério revolucionário sem detença possível. Até antes das duas guerras, os anelos da transformação social, encarados na Comuna de Paris e escurateados com as patranhas da "ordem" e da "pátria", dizem, claro, que os povos estavam na mais completa ignorância dos seus deveres e direitos. Inspirados nos altos ideais da Justiça Social de Proudhon, Bakúnin e outros que o acompanharam emprenderam a constituição da primeira Internacional organizada em Genebra no ano de 1864 (1).

Guiou esse colosso da revolução social o ideal condensado de criar um laboratório onde se experimentasse a fórmula de que o produtor tomasse posse do seu pósto no "banquete da vida". E foi ali, naquela alquimia, que desprende o princípio da Liberdade, do desagregante princípio da Autoridade, mantido por Carlos Marx, expoente de uma educação estatal e burguesa. Desde então, desperta a luta, por demais desigual, entre o sofisma e a verdade. Uns cinquena e tantos anos em que a Revolução foi atada com essa corda de aparência proletária e realidade burguesa, como o demonstra a Rússia, a paradoxal pátria do proletariado. Essa regressiva situação em que o Homem foi coartado pela confusão nascida do espírito marxista, o qual só cuida de serzir o manto do Estado, tem de ser, pois, superada pelo próprio homem no seu denodado afã de encarrilar a Revolução em seus verdadeiros trilhos. Para tanto, impõe-se uma inteligente reação por parte dos anarquistas com o fim de adquirir maior soma de capacitação para multiplicar a difusão ideológica, não a do conceito de "ofertante e procurante", senão a do fato mais concreto, a mais harmonizada com os postulados daquela, cada vez mais importante, primeira Internacional. Colunas foram estas construídas por José Proudhon, ajustadas por Bakúnin: o direi o de posse devido a todo ser habitante deste mundo chamado Terra.

Sendo a vida do homem acontecimento transitório neste globo, acarreta à vida social "deveres e direitos", ou viceversa, "direitos e deveres". Por conseguinte, quem se exclu-

dessa premissa ou é usurpador do bem comum ou degenerado. Assim o fundamentou aquele filósofo do século XVI, Lock. Assim também a ratificamos nós ao manifestar-nos quanto à reaniquilação do campo para aquele que a cultivava, a fábrica para aquele que a movimentava e o transporte para aquele que a aciona (2).

Tendo em vista que nenhuma corrente política dará ao produtor essa atmosfera de equidade, nós, os revolucionários anarquistas, formulamos a urgente necessidade de que o produtor tome posse de seus produtos sem intromissão de intermediários, fulcro do parasitismo ambiente.

Toda outra solução, parece-nos, seria imensa perda de tempo para a liberação do Homem. E entendemos que a responsabilidade não pode ser dos elementos que ignoram; esses desconhecem os ideais que nos hão de libertar. Cumpre, pois, que nos situemos no terreno exclusivamente revolucionário de reaniquilação, de reintegração Humana e Social. E terminamos insistindo em que o controle da produção e do consumo será o centro da questão. Tudo o mais, a juízo nosso, sem assomos de presunção, não passará de reformas, nunca será transformação.

Esta última é a que desejamos os anarquistas: o produto para o produtor em todos os ramos da vida social e conversão da burocracia, clerical, militar e agiota, em seres de utilidade para a Associação de Produtores Livres.

Lima — Peru — 1952.

NOTAS DE AÇÃO DIRETA — 1) — A primeira Internacional, planejada em Londres, realizou-se no primeiro Congresso de Genebra, não em 1864, como es á no artigo, senão em 1866, dos 3 aos 8 de setembro.

2) — Dizer que ao produtor deve caber a "posse" dos seus produtos pode parecer aos leigos que, na anarquia, os sapatos "pertencerão" aos sapateiros ou o carvão aos mineiros extratores, as hortaliças aos hortelãos, etc. Disso seguir-se-á logicamente a necessidade da "troca" e para facilitar a troca recriamos no "dinheiro". Seria o reverterimento de tudo à propriedade particular e, com o tempo, ao capitalismo.

Não é o "produto" que pertence ao "produtor"; são os produtos, indiscriminadamente, que pertencem "aos produtores" indesejavelmente.

A fórmula é "toda a produção" pertence "a todos os produtores". Qualquer produtor tem o direito de usufruir qualquer produção de que necessita, sem precisar de "troca".

Temos no comando do Governo um ditador artimanhoso que tenta desarticlar a coesão nacional, manipulando sorrateiramente um golpe. Seu amor ao mando é de natureza irrevelável e sua essência, anti-constitucional.

Há, na História, uma data "29 de outubro" que lembra um feito consciente e justo do Exército contra o ditador dos 15 anos. Com o voto eleitoral (essa blague que o povo já está maneando como arma) voltou esse homem ao poder, caracterizado numa única intenção da massa civil — A CONTRADIÇÃO DO FATO HISTÓRICO. Assim estamos indo para essa contradição ou para uma reafirmação?

Para a contradição — O Exército dará colaboração ao depósito de 29 de outubro para a consumação de seus golpes, reconhecendo o digno de uma reafirmação nacional; a mancha da data histórica cairá sobre o Exército e o ditador crescerá em glória, derrotando ainda todas as forças políticas periclitantes.

Para a reafirmação — O Exército manter-se-á vigilante contra as possíveis tentativas de golpes para predomi-

PARA ONDE NOS LEVAM?

Por P. MAIA

ção governamental daquele que já uma vez foi castigado por tal crime.

Na primeira hipótese, o povo será o sacrificado; mas, desse sacrificio surgirá maior esclarecimento para melhor se opor às nos caprichos políticos de grupos famigerados. Poderá tomar então a revolução consciente para a derrota do regime, e então teremos mais um passo para o ANARQUISMO... Na segunda hipótese, os grupos políticos serão os únicos que tirarão proveitos dessa expectativa e pouca evolução sofrerá a massa. Contudo, muito será concedido aos oprimidos que se souberem impor muito embora seja essa concessão fruto da demagogia política...

Vejam os o ambiente. Há intranquilidade social entre empregados e patroes, entre funcionários públicos (ci-

vis e militares) e o governo levados por questões de primeira necessidade, ante a exploração económica, por parte dos tubarões (trustes nacionais e estrangeiros). Compactados com o governo uns, contra este, outros. Fim previsto — convulsões internas.

O PETRÓLEO acirrando os ânimos entre duas facções — ENTREQUISTAS e NACIONALISTAS. Os primeiros tencionam financiamento e apoio para o golpe, isto é, para a consumação da CONTRADIÇÃO do 29 de outubro. Os segundos, impoem-se formalmente aos primeiros em defesa da REAFIRMAÇÃO do rasgo histórico de 29 de outubro. O drama vivido na Bolívia tem quase as mesmas características. Os norte-americanos ocultamente afeicaram o golpe que instituiu a Junta Militar e por meio dela escravi-

zaram o povo fazendo escotar as riquezas do solo (o estanho) para os Estados Unidos. Ali o povo ficou possuído de nova consciência para derrota do regime. O Nacionalismo fortaleceu-se nessa realidade vivida e incrementou a revolução. A própria proclamação dos Revolucionários é acção da demagogia que avança para estabelecer um pouco além as fronteiras dos limitados de mando. Ela: "Não se destina esta Revolução a satisfazer represálias; não é produto de apetite de mando. É uma expressão do anelo de um povo torturado pela fome e pela miséria que os governos anteriores não compreenderam nem quiseram compreender. Povo Boliviano! Chamamo-vos a refletir seriamente para que reunindo assas forças, nos dirijamos ao trabalho honesto, ao sacrificio e ao bem coletivo, a fim de que desapareçam as

camarilhas, os consórcios e os interesses criados: que a riqueza que o povo produz seja para proveito do povo e que o estado de tensão económica desapareça ante o influxo de um melhor governo (aqui encaixou o verdadeiro intuito) que sairá da vontade da soberania popular".

São uns verdadeiros Comerciantes Fantasma, que querem vender no preço aquilo que não possuem, quando visam o poder. E o povo, com a força na mão, ciente de ser aquilo a verdade, tornam a cair na boca do lobo. No Equador, no Chile, na Venezuela, Colômbia e em Cuba, o ambiente é o mesmo — duas facções lutam: o Nacionalismo contra o Entreguismo de suas riquezas ao imperialismo ocidental.

Já dizia SEBASTIÃO FAURE estar contida entre dois termos a vida da humanidade: — Eliminação progressiva do princípio de autoridade afirmada gradual e correspondente do princípio de liberdade. Cada conquista desta é uma derrota para aquela".

Contra a liberdade impõe-se a autoridade. Extintur a autoridade significa conquistar a liberdade.

Presos Vários Anarquistas na Argentina:

ACUSADOS DE ESTAREM CONSPIRANDO CONTRA "PERON", FORAM PRESOS VÁRIOS ANARQUISTAS NA ARGENTINA. COMO A POLÍCIA DO DITADOR NADA CONSEGUISSSE PROVAR FORAM AQUELES COMPANHEIROS POSTOS EM LIBERDADE.

PARAÍSO ENTRE ÊLES

(Continuação da 1.ª pág.)

Eis porque transcrevemos para Ação Direta este suétto publicado no mesmo Diário de Notícias.

"O sigilo rigoroso das investigações em torno da concessão fraudulenta de licença prévia para importação de, em parte, responsáveis pela baibúrdia e confusão com que o caso está sendo tratado por alguns jornais. Fala-se em chantagens, mencionam-se firmas comerciais prejudicadas, umas, e beneficiadas pela fraude, outras; acusam-se funcionários da CEXIM de ligações com quadrilhas de falsificadores; envolvem-se nomes de projeção social, ligando-os a indivíduos de péssimos antecedentes e, afinal, não se explica que quadrilha é essa, qual o crime cometido; não se indicam vítimas e criminosos nem se esclarece de que modo poderia ter sido lesado em milhões de cruzeiros o Banco do Brasil. O caso existe, não há dúvida, e o trabalho de investigações realizado pela Delegacia de Roubo e Falsificações está praticamente encerrado, faltando, apenas, tomar-se depoimento de alguns acusados. O general Cirio Resende, todavia, obstina-se em proibir seja o resultado do inquérito divulgado na imprensa, que, no seu entender, é "o maior inimigo da Polícia". Por força dessa proibição vê-se a reportagem obrigada a se valer de fontes que embora idôneas, não estão inteiramente a par do que realmente ocorre. De-se modo, obtida aos pedaços, aqui e ali, a verdade sofre certas e inevitáveis mutilações, confundindo-se, muita vez, de boa fé, acusados e vítimas, suspeitas e provas. Quase sempre que a autoridade policial procura conegar a reportagem, sem motivo plausível, fatos ob-

jeito de inquérito, o resultado é esse que aí se vê. Já apareceu, até, como envolvido na complicada história, o nome do ex-chefe de Polícia. Não falará quem nisso encontre explicação para a atitude misteriosa das autoridades do D. F. S. P. Acontece, porém, que, correndo de boca em boca, não será de estranhar que esse nome não venha a ser divulgado, com erro, suprimindo-se o "ex", fenômeno comum na transmissão oral, e gerando injusta confusão.

Deve, pois, o general Cirio de Resende, evitando quaisquer enganos, esclarecer de vez a opinião pública.

O terceiro caso revela até que abismos misteriosos pode chegar a especulação. No mesmo Diário de Notícias de 6 de junho, trata-se de um enigma comercial. Um oficial da Aeronáutica, Luis Albuquerque Júnior, montou escritório na rua México, 158, 6.º andar, para venda de automóveis. Seu processo de venda consistia em comprar carros a prestações e revendê-los imediatamente por preço muito abaixo do custo. As operações, diz o jornal, montam a 30 milhões de cruzeiros mensais.

Ora, esse comércio, desonesto, lesa os importadores normais e outros comerciantes de carros já usados. Daí o barabaré por eles levantado. Fala-se em quadrilha internacional, preparadilha para, recebidas as botadas à vista, zarparem deixando os vendedores a prestações na mão.

A nós não interessa a moral do caso nem o segredo da marmelada. Importa-nos apenas salientarmos aos trabalhadores que, no regime capitalista, mau grado leis, decretos, portarias, códigos, regulamentos bancários, etc., há sempre muitíssimos modos e meios de se locupletarem os esvoertos à custa dos produtores reais. Porque, não se iludam os trabalhadores, no apurar das contas, todo o dinheiro canalizado para Jatet e diretores do Banco do Brasil, para os algibeiras do mandado da CEXIM, para os bolsões do Luis Albuquerque, para os nababescos ordenadores de fidejatos do consumo, de generais e almirantes, banqueiros ou embaladores, todo esse caudal de ouro é riqueza extorquida dos únicos produtores dela, os operários. Tudo mais é mentira governamental e eclesiástica, roubo do Estado ou da Igreja!

OUTRO PROCESSO CONTRA O JORNAL ANARQUISTA "UMANITA NOVA"

Na Itália chegam processos contra as publicações anarquistas. Breve deverão responder a julgo os companheiros Carrelo Viola e Umberto Consiglio, o primeiro como autor de um artigo e o segundo como diretor do periódico. O motivo alegado é bem curioso: ataques à religião do Estado.

A flamante república, como o passado sistema monárquico-fascista, considera delitosa toda alusão ao clericalismo reacionário!

BIBLIOTECA ARQUIVO INTERNACIONAL

Rogamos a todos os grupos editores de periódicos, revistas, livros, folhetos, manifestos, alegorias, almanaques, fotografias, enfim, toda manifestação publicitária, o envio de 2 exemplares para os seguintes endereços:

Araceli Rodrigues
4, Passage Kuszner
Paris XIX França

Ugo Fidell
18, Via Grazzano
Carrara Itália

Hem Day
Boite POSTALE, 4
Bruxelas IX Bélgica

Ernesto Maya
Casilla de Correo, 314
Montevideo Uruguai

A Vida Pela Liberdade

(Continuação da 1.ª pág.)

turar ex-prisioneiros e ainda atirar neles depois de detidos é mais divertido ainda! Sem dúvida, tudo isto satisfaz o sadismo de certos indivíduos.

E pensar que rem os irracionais destroem outros seres da mesma espécie!

Como geralmente acontece em tais tropelias, alguns inocentes teriam de ser sacrificados, inclusive dois passageiros de um pau de arara, que encontraram a morte em vez de melhor vida que buscavam.

O pior de tudo é que elementos do povo, civis, estejam ajudando a polícia na caça aos ex-detentos.

Mas, que esperar de indivíduos que adquiriram e conservaram a crença de que é dever para com a sociedade punir os faltosos?

Porém, quais são os verdadeiros faltosos? Esses infelizes perseguidos, ou os que procuram, por todos os meios, manter uma organização social viciada e desumana?

Que culpa tem grande parte desses indivíduos, tachados de criminosos, de que os donos do mundo os hajam deixado abandonados, famintos, esfarrapados, sem educação, sem instrução e, sobretudo, sem carinho durante a infância?

Que culpa tem outra fração de que os mantenedores da "ordem social" tornem o roubo menos censurativo e melhor remunerado que o trabalho? Isto leva os improdutivos, que não têm coragem ou possibilidades de roubar só em proveito próprio, a se tornarem comerciantes.

Que diferença há entre o ladrão e o comerciante? Apenas este pratica o roubo legalizado, isto é, divide o roubo com os cofres públicos. Em essência, os atos são iguais. Porque, então, punir um e admitir o outro?

Porque, um mesmo ato é, em determinadas circunstâncias, considerado criminoso e em outras, o contrário?

Porque um indivíduo, por exemplo, que num momento de raiva mata o outro, é assassino e outro que sai, pre-

meditadamente, para lançar uma bomba sobre uma cidade indefesa e matar centenas de seres humanos, é herói?

Porque, um julgo que, em plena lucidez de espírito, condena à morte um homem e o carrasco que o executa são cumpridores do dever e o réu, porque matou, num instante de perturbação, é criminoso?

Onde está a justiça de tal proceder?

Que ordem social é essa, em que se castiga ainda mais que o próprio autor de delito, a família? Acaso, não perceberão que as crianças, assim abandonadas na miséria, sem a mínima assistência, poderão tornar-se novos desajustados?

Prisão, espancamento, etc., dos considerados criminosos, não sanam o mal, pelo contrário. Só a satisfação integral das necessidades dos indivíduos poderá fazê-lo, e, nos casos de alienação, o internamento em sanatórios devidamente organizados. Nunca o castigo!

Eis porque estendemos-vos as mãos renegados! Não, mãos de verdugos. Tampouco, mãos piedosas. Mas mãos fraternais, de quem reconhece que tendes tanto direito à vida como nós e como quaisquer outros. Direito a uma vida normal e humana. Direito de satisfazerdes TODAS as vossas necessidades como TODOS os demais seres humanos.

O ESCRITOR E A DEFESA DA LIBERDADE
(Tese ao IV Congresso Brasileiro de Escritores)
de RAUL VITAL
Pedidos a Manuel Peres
Caixa Postal 4588 — D. Federal
PREÇO Cr\$ 5,00

COLÉGIO DO AR
RADIO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
AULAS DE PORTUGUES ministradas pelo nosso companheiro Prof. José Olíptica.
Horário: 2.ª e 6.ª feiras das 7.30 às 8 horas. 3.ª e 6.ª feiras das 19 às 19.30 horas.

FIGURAS DO ANARQUISMO



Os camaradas que se habituaram a ler os jornais anarquistas de língua italiana devem lembrar-se do nome de Camilo Berneri. Esse camarada italiano, que foi um continuador da obra de Malatesta na militância do movimento libertário da Itália, covardemente e assassinado pelos bolchevistas em Barcelona durante a empolgante revolução espanhola, deixou em sua filha, Maria Luiza Berneri, a herança revolucionária que caracterizou toda a sua vida de militante e teórico do anarquismo. Caráter inflexível e reto, audácia e firmeza de convicções, a par de uma beleza fascinante e de grande cultura, cultura e beleza que lhe davam grande atrativo pessoal, Maria Luiza Berneri, que a morte arrancou ao movimento anarquista internacional com a idade apenas de 31 anos, tinha já atingido, ligar promíntemente, as fileiras dos grandes teóricos das idéias. Exercia influência decisiva no movimento que só habitualmente velhos companheiros, traquejados na luta, podem exercer. Essa influência, produto excepcional de uma família inteiramente dedicada à causa da liberdade, era ainda conseqüência da sua própria personalidade temperada ao calor das refregas idealistas. Nasceu em Arezzo, na Itália, conheceu, ainda jovem, as amarguras do exílio, acompanhando seu pai, que teve de abandonar a Itália para não traír o movimento libertário, submetendo-se às exigências do fascismo. Quando na Espanha reventou a revolução libertária, Camilo Berneri, que não era apenas o teórico do anarquismo, mas homem de barricada e de luta, deixou a França, onde viviam exilados, tendo Maria Luiza de interromper os seus estudos universitários. O contacto com a realidade anarquista do movimento espanhol forneceu à filha de Camilo Berneri elementos de grande valor psicológico para a formação da sua mentalidade revolucionária. Apesar da sua pouca idade, (a morte ceifou-lhe a vida quando justamen-

te começaria a ter idéias mais precisas) Maria Luiza Berneri já contava com vasta bagagem jornalística. Tendo seguido a leva de refugiados espanhóis após o colapso da revolução, em 1939, chegou à Inglaterra, onde a sua influência logo se fez sentir, concorrendo, com a pena, a palavra e sua presença nos departamentos governamentais, onde ia reivindicar a libertação aos muitos refugiados tratados como prisioneiros de guerra, para que estes, não só fossem tratados como seres humanos, mas também libertados.

A sua colaboração no jornal anarquista "Freedom", e, sobretudo, a sua influência teórica, no "War Commentary" de Londres, bem como as suas palestras e conferências nos meios culturais londrinos, granjearam-lhe a admiração, inclusive dos meios artísticos e intelectuais alheios ou indiferentes ao movimento anarquista.

Deixou à posteridade ácrata dois livros, "Workers in Stalin's Russia" e "Journey Through Utopia" este último bastante elogiado pelo sociólogo Lewis Mumford.

Recentemente foi editada em Londres uma coletânea de seus escritos. Maria Luiza Berneri morreu como anarquista. O seu sepultamento, na manhã de 23 de junho de 1949, foi um ato simples. Jaz à sombra de duas árvores frondosas no parque Ken Wood, próximo a Hampstead Heath.

Foi, sem dúvida, uma grande perda para o movimento anarquista internacional, a morte da digna companheira, filha de Camilo Berneri.

Resoluções tomadas no grande comício de caráter continental celebrado no Teatro Iris às 21 horas da noite de 25 de Março de 1952

Reunidos no México, em ato de protesto contra o vil assassinio de cinco homens da resistência, pertencentes à Confederação Nacional de Trabalho de Espanha, todos nós, genuínos representantes liberais do Continente Americano, de infinidade de setores da emigração e de multidão de cidadãos Mexicanos, em uníssono, reconhecemos que o regime franquista da Espanha é um escárnio, um insulto, verdadeiro atentado às liberdades humanas e vergonha para o mundo civilizado.

Por isso, reunidos neste ato de protesto, concordamos em elevar nossa voz além das fronteiras e pedir a todos os homens e corporações livres do mundo que adiram ao nosso protesto de repúdio e indignação contra os crimes que Franco e Falange cometem diariamente, a toda hora, na imolada Península Ibérica. Que a voz ardente deste comício chegue até o mais afastado rincão do orbe, onde lateje, ainda, uma pulsação de liberdade!

Viva a Espanha libertada e dignificada!

COMO AUXILIAR AÇÃO DIRETA

Muitos são os leitores que nos têm perguntado, através de cartas, como trabalhar em benefício de AÇÃO DIRETA e dos ideais ácratas. As formas de auxílio são múltiplas e as resumiremos aqui:

- 1 - Enviar mensalmente uma contribuição monetária.
- 2 - Adquirir, nas bancas de jornais, dois ou mais exemplares de AÇÃO DIRETA e oferecê-los a amigos interessados em problemas sociais.
- 3 - Escrever artigos que estejam dentro de nossa orientação e que não ultrapassem duas folhas datilografadas com dois espaços entre linhas.
- 4 - Discutir com amigos os problemas tratados por AÇÃO DIRETA, procurando dessa forma divulgar o Anarquismo.
- 5 - Mandar sua opinião crítica sobre AÇÃO DIRETA, que teremos a satisfação de publicar.
- 6 - Entrar em contacto direto com o movimento ácrata, escrevendo para a Caixa Postal 4588 — Distrito Federal.

Creemos, dessa forma, ter respondido às perguntas que nos foram dirigidas; porém, se alguma dúvida pairar no amigo leitor, a qui estaremos sempre à disposição.

A REDAÇÃO

A esperança é sempre a última que morre e a ilusão é a aparência da verdade.

O homem que sobe vê, do pico da montanha, um horizonte muito maior, mais amplo, mais largo finalmente. Este homem sofre mais do que aquele, rude, ignorante e analfabeto.

O bárbaro aniquilamento que o putrefato "modus vivendi" da decadente e rameira sociedade hodierna impõe ao homem, é responsável direto pela largia em que vivem os seres humanos. De tudo temos carência: — de nutrição, de sossego de espírito, de amor, de alegria, de conforto, etc. Somos vilmente espoliados pelo Estado e pelas castas dominantes e o que mais nos enerva é não termos consciência, deixarmos-nos com facilidade ser roubados. Não temos direito à terra, ao nosso trabalho, à satisfação de nossas necessidades primárias. Não temos liberdade. Só temos deveres para com os ladrões-legais que domnam, pela violência das armas, pelo ópio religioso, pela ignorância, a situação.

Combate-se o lenocínio — coisa própria do regime — querendo, no fundo, obrigar o homem que não chega a ganhar o miserável salário mínimo, a constituir família para que as fêmeas possam abastecer, com as escrituras do mercado capitalista. Interessante é que os homens que mandam essa perseguição são aqueles "sultõesinhos", que dispõem de um "harém". Isto é do conhecimento de todos. Quando as insinuações religiosas, só, não chegam — como felizmente está acontecendo — usam-se meios mais persuasivos e, entre estes, a violência.

Meu irmão: — cada soldado, cada padre, cada pastor, cada ca-

A ÚLTIMA ILUSÃO

Por LYSENKO

pitalista, cada representante do Estado é teu inimigo fidalgo; quando muito têm pele de ovelha. Desrespeitam-te, aniquilam-te, destroem-te — sem destruírem o Homem — primeiramente no plano mental, nos teus pensamentos; depois, na realidade objetiva das coisas. Não esperes do céu ajuda ou recompensa. Ele nunca te ajudará. Se não fizeres por ti, nenhum líder o fará.

O maior tropégo da revolução social é a incógnita atitude de um semelhante para com o outro e, sobretudo, as incertezas das relações hoje chamadas internacionais. A falta de confiança, neste particular, em virtude do precário estado moral e material da raça, dificulta muito ações revolucionárias isoladas ou de conjunto, em grande ou pequena escala, mas é preciso que tu vás solapando, desde já, em pensamentos, depois em gestos e atitudes, tudo aquilo que o preconceito burguês declarou certo. Vê o rico, o homem cheio de dinheiro e de bens — é um ladrão. Com o trabalho dele nunca teria tudo aquilo. Milhares de obreiros vendem-lhe o seu serviço. Nega a existência da propriedade e apossa-te daquilo de que

realmente necessitas. Não temas os bonecos-humanos, são teus irmãos a soldo do Estado, máquina infernal de que dispõem os exploradores para melhor espoliarem a massa humana. Não temas a dor. Sofrer e morrer é uma contingência humana, desde milhares de anos. É preciso que não se classifique justo o direito a uma chamada autoridade para nos infligir, em nome de potentados, situações difíceis, vexatórias ou traumatizantes. Não. Isso não. Vê nele, simples e puramente, um inimigo, um asqueroso inimigo que precisa e deve ser destruído.

Abandona os templos religiosos, abandona os quartéis, abandona as repartições públicas. Não permitas que os teus parentes, amigos e descendentes penetrem nesses focos de inibição e escravidão. Deixa que a minoria capitalista reze, políe-e, trabalhe, sózinha, para sua própria subsistência.

Toma de assalto a terra de que necessitas; ela é por natureza tua. Dedicá-te à agricultura, à indústria, aquilo que melhor te aprouver. Reuni-vos em núcleos livres, autônomos independentes. Esmagalo o preconceito autoritário. Elimina a circulação do dinheiro ou seu representante. Desconhecei a existência da lei, como base do preconceito autoritário que é. Alfabetizai todos os companheiros. Liquida todos os inimigos e fundai uma nova vida. Lembrai-vos de Makhno.

Leitor amigo, só assim chegaremos lá. Enquanto um esperar pelo outro, enquanto desejarmos que outros implantem o socialismo para usufruirmos, quais parasitas, dos seus benefícios, nada conseguiremos. Tudo será ilusão.

A Gréve dos Tecelões

Dão os tecelões um grande exemplo para os seus companheiros de outras profissões (inclusive aos professores) e uma grande lição ao Governo, nesta afirmação de consciência dos seus direitos, usando da greve, como único tribunal capaz de resolver efetivamente as suas questões.

E se não fôsse o fato de dar pretexto ao governo cuja única função é defender os interesses dos capitalistas, deviam os tecelões ter entrado em greve, quando em setembro de 1951, viram rejeitada, pelos patrões, a proposta de melhoria de salário, que pleiteavam, nas bases de uma tabela decrescente de 100% para os salários de Cr\$ 800,00, a 30% para os salários acima de Cr\$ 3.000,00. Não teriam sofrido mais do que sofreram e estão sofrendo, e não teriam esperado tanto, para ao cabo de mais de um ano de irritante expectativa, virem a ganhar, parece até escarneo! por sentença do mais alto tribunal do trabalho, ainda menos do que deviam ganhar pelo salário mínimo! Não teriam tido a decepção de ver o Tribunal Superior satisfazer o absurdo desejo dos patrões, julgando pelo índice do custo de vida do Estado do Rio, que é, segundo o Serviço de Estatística da Previdência e Trabalho (S. E. P. T.) de 42%, quando o do Distrito Federal é, para o mesmo suspeito e contraditório Serviço, de 70%. Suspeito, porque o interesse do Govern-

no é dizer sempre que a vida pouco tem encarecido. Contraditório, porque, como declararam os senhores ministros Delfim Moreira Junior, Julio Barata, e Antonio Francisco Carvalhal, apresentou, no mesmo dia, para diversos processos, dois índices divergentes sobre o custo de vida.

De que lhes valeu o acatamento à lei, sustentáculo dos privilegiados, camisa de força dos trabalhadores? Tiveram de sofrer o que se vem repetindo desde 2 de maio de 1886, quando, em Chicago, se procuravam convencer 200 trabalhadores que estavam furando a greve de 1.º de Maio, de que deviam ser solidários com os seus companheiros! Lá, foi nos portões da Fábrica Mac Cormick; aqui, nos portões da Fábrica Confiança. Tiveram de suportar, sem nenhuma represália, para não estimular a sanha da autoridade policial, a agressão, à bala, contra os doze companheiros! Tiveram de chorar amarguras, com a mãezinha paralítica, a morte do companheiro e do filho — Altair de Paula Rosa, cujo retrato, na sede, há-de testemunhar aos trabalhadores que, dos governos, só podem esperar aquilo!

Trabalhadores! A Justiça do Trabalho nada pode fazer realmente em favor dos trabalhadores! Mesmo que os seus ministros o quisessem, porque muitos deles não são insensíveis à

causa dos trabalhadores, nada podiam fazer, porque a Justiça do Trabalho foi constituída de tal sorte que os capitalistas fôsem sempre defendidos. De tal sorte que ainda mesmo quando

pareça que a vitória ficou com os trabalhadores, parte dela ficou ainda com os capitalistas, que só não se conformam, porque, gananciosos como o são, não querem ceder nada, nada, abso-

lutamente nada! A Justiça do Trabalho surgiu para evitar a greve que é arma decisiva! Portanto, trabalhadores, não vos iludais, o vosso único trunfo — é a greve!

OS ACONTECIMENTOS DA CENTRAL DO BRASIL

A paciência do povo tem um limite, apesar de nisto não acreditarem os que desumanamente o exploram. E o conflito dos dias 2 e 3, na Gare de D. Pedro II, foi, podemos dizer, insignificante em proporção ao que era de esperar, dado o acúmulo de desmandos que, há mais de uma década, se verifica no principal meio de condução de que dispõe o povo, para ir para o trabalho diário. Dissemos insignificante porque apenas uma dúzia de guardas e alguns populares saíram feridos da refrega.

Poderia ser muito mais grave, e os únicos responsáveis são, sem dúvida, os sucessivos administradores, que, abusando da paciência popular, continuam

indiferentes ao sofrimento dos que necessitam daquele meio de condução.

Em tudo, o que mais nos revolta, porém, é o cinismo do atual Diretor, ao declarar que o povo tem razão, que a estrada está com o seu material deficiente, mas que é preciso ter paciência”.

Até quando?! perguntamos nós. Sim, porque já não é de hoje, que se repete o mesmo disco.

Enquanto se encomendam aviões a jato e se gastam milhões em navios de guerra, no reaparelhamento das forças armadas, em banquetes e muitos outros gastos inúteis, diz-se ao povo, — paciência... Sim paciência, mas, como acima dissemos, esta

tem um limite e os acontecimentos da Gare de D. Pedro II demonstraram que o Povo ainda vive e sente a necessidade de aplicar um corretivo nos que não acreditam que ele sabe também revoltar-se. E dizemos Povo com maiúscula, porque alguns jornais e locutores atribuem aos acontecimentos, provocações extremistas, ao que respondemos — Não! Isso além de não ser verdade, é um insulto; não houve extremismo, nem socialistas, anarquistas ou comunistas... o que houve, foi sim o extravasamento da paciência popular e temos a certeza de que os acontecimentos se repetirão, caso continuem os desmandos naquela estrada que outra coisa não é, que uma incubadora de revoltados.